

Bom dia gente. É um prazer e um enorme carinho que eu fui convidada para conversar com vocês e aceitei. Eu começo dizendo que eu não me chamo Cecília por acaso. Santa Cecília é a padroeira da música e eu venho de uma família muito musical, de amantes e de conhecedores profundos de música. Meu avô paterno era um homem que viajava para ouvir temporadas líricas. Papai fez isso muitas e muitas vezes também. E eu, todas as vezes que saio do Brasil, nunca deixei de assistir, em qualquer lugar, um concerto ou uma ópera. Principalmente os recitais nas igrejas que são lindos. Mamãe também era amante de música. Não sei se ela já gostava ou se ela aprendeu com o papai. Mas, eu comecei a ouvir música na barriga da mamãe. Então, é a minha paixão número 1.

Então, eu vou começar contando um pouco do que já aconteceu aqui nesse Auditório. Eu fui cerimonialista do Governo do Estado de São Paulo, mais precisamente da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Eu comecei lá na gestão do ex-secretário Dr. Marcos Mendonça que também é, já era, um amigo querido. E conheci vários secretários de cultura que são amigos. Tipo, o Jorginho Cunha Lima, João Carlos Martins, todos grandes amigos de muitos anos. O Dr. Pfeiffer que é uma pessoa fora de série. O Emanuel, Claudio Costin e o Marcos Mendonça.

Eu diria que o meu primeiro festival eu assisti aqui quando tinha 18 anos. E, não assisti a todos os festivais seguintes porque nem sempre eu estava aqui. Mas, quando eu passava férias aqui, eu assistia aos festivais. Mas, a partir dos anos 2000, daí eu não perdi nenhum. Assisti a todos.

Não deixo de ver a *minha* OSESP amada pela TV, Youtube, *online*, onde estiver. E esse ano, depois de dois anos, o festival de inverno voltou para a minha grande alegria. Foi um festival menor, mas felizmente o festival aconteceu e foi lindo. Já dei os parabéns à produção que cumpriu tudo que precisava ser cumprido, ao pessoal do Auditório. Gente, eu fico muito feliz de estar aqui. Sempre fiquei feliz de estar aqui.

E o Auditório tem essa coisa de você estar lá na plateia e olha para o palco que apresenta os programas mais lindos imagináveis e olha lá pra cima e vê as araucárias nesse céu azul lindo que é típico de Campos do Jordão. Quer dizer, é sempre um prazer estar aqui. Mas, eu diria que o momento que mais me marcou aqui dentro desse Auditório que vai estar para sempre no meu coração e na minha memória, foi um ensaio, porque na época eu tinha livre acesso aqui ao Auditório, então eu podia assistir os ensaios e, prefiro até aos concertos, porque nos ensaios a gente aprende muito.

Eu estava assistindo, sentada na segunda cadeira, ao ensaio da *minha* orquestra, da OSESP, regida pelo grane e fantástico maestro inglês Frank Shipway que nos deixou em 2014. Shipway foi o maior maestro que eu conheci pessoalmente. Ele criou uma tal empática com a orquestra que aquele homem regia, primeiro sem partitura, porque já era regente a 50 anos. A música estava na cabeça dele, claro. Segundo, ele regia com a mão esquerda, ele dava o movimento que a orquestra ia fazer e com a direita ele já dava o movimento seguinte. Quer dizer, era uma coisa absolutamente enlouquecedora de bonita, né.

Naquele dia, o concerto tinha um concerto para piano de Beethoven tocada pela extraordinária Maria João Pires. Quando ela terminou o ensaio, eu estava soluçando ali, não dava nem para esconder. Ela desceu e perguntou para mim se eu estava me sentindo bem. Emoção pura, à flor da pele. Depois, Frank Shipway regeu a sinfonia alpina de Strauss que é magnífica. E eu tentando segura o soluço que nem louca. Chorando que nem boba. Quando terminou o ensaio, Shipway desceu os degraus, sentou-se do meu lado e perguntou “Cecília, você gostou?”. Eu “Oi?”. Parecia que eu estava acordando de um sonho alpino. Eu falei, maestro foi fantástico. O senhor é fantástico, a sinfonia é fantástica, *minha* orquestra é fantástica. Eu só espero que a

noite, o concerto possa ser ainda mais bonito. Ele sorriu e foi para o hotel descansar. Esse momento vai ficar gravado para o resto da minha vida na minha memória.

Eu quero falar um pouquinho também lá de fora do Museu Felícia Leirner que eu durante anos passei por ali, não nesse frio de julho, mas passei por ali sempre pensando “Gratidão Felícia Leirner pode ter legado essa beleza para nós aqui”. Porque é uma das coisas mais lindas de museus a céu aberto. Eu diria ainda que eu espero que a partir de agora até janeiro quando haverá o festival de verão. Obrigada senhora, gratidão eterna, agradecimentos mil. A coisa já esteja mais suave e o Auditório possa receber mais pessoas que amam música, que querem estar presentes e que possam vir e volta ao Brasil aqueles vários ilustres músicos e maestros e professores para os bolsistas que vinham antigamente, né, das melhores orquestras do mundo. Tipo Berlim, Filarmônica de Nova York, etc. Eu espero isso e que haja muitos outros festivais.

Mais uma vez, obrigada por terem me convidado. É um prazer estar aqui nesse Auditório, onde eu já estive outras vezes, também não pelo festival. Eu fiz, por exemplo, aqui o mestre de cerimônias do aniversário do Toriba, do Hotel Toriba que é uma referência aqui em Campos, o melhor hotel na minha opinião, quando ele completou 80 anos. Eu fui chamada para fazer a abertura, eu fiz. E aí, aconteceu uma coisa fantástica, porque vários cantores que se apresentam normalmente no Toriba Musical cantaram aqui. E, uma das cantoras, a queridíssima, Adriana Bernardes, iria cantar “Eu sei que vou te amar”, de Vinícius. E eu perguntei se eu podia recitar o poema de fidelidade, o soneto de fidelidade que acompanha isso. Disseram que sim, eu entrei só que o holofote estava em cima de mim, na minha cara, eu não via ninguém. Declamei o soneto de fidelidade. Mas, eu cheguei a ouvir num murmuro muito suave no começo da plateia alguém falar “Nossa acho que ela está lendo, né” e eu não estava. Então, foi um dos momentos bons, agradáveis e deliciosos da minha vida. É isso!